

UM BREVE OLHAR SOBRE O PASSADO E O PRESENTE DO POVOADO DE SANTA FÉ, EM PASTOS BONS (MA-BRASIL)

José Ribamar Neres Costa*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um breve histórico da ocupação do povoado de Santa Fé, situado no município de Pastos Bons (MA), tentando esclarecer quem seriam seus possíveis fundadores e fazendo um levantamento sucinto de seu desenvolvimento desde suas origens, na primeira metade do século XX até o começo do século XXI e os movimentos econômicos relativos à localidade. Os dados foram selecionados com base nos relatos orais de diversos moradores do povoado que foram entrevistados e também a partir das observações in loco do pesquisador no período compreendido entre 27/12/2016 e 01/01/2017.

Palavras-Chave: Ocupação de espaço rural. Santa Fé. Povoado maranhense.

INTRODUÇÃO

Cada agrupamento humano é único dentro de suas peculiaridades, mas ao mesmo tempo, carrega consigo toda a tradição humana que ultrapassa as barreiras do meramente regional. Quase sempre os estudiosos se preocupam apenas com os grandes aglomerados humanos e com os eventos que marcaram uma época. No entanto, a História não pode ser feita apenas desses momentos máximos e dessas personalidades que se destacam além dos limites dos povos. A História também se faz a partir de situações microfísicas que nem sempre são percebidas pelas pessoas.

Foi a partir dessa concepção de que até mesmo os mais sutis acontecimentos possam ser importantes se vistos sob determinado ângulo, que este trabalho a respeito da ocupação, evolução e atualidade de um povoado situado no sertão maranhense vem à luz. A fim de cumprir

* Professor da Faculdade Pitágoras do Maranhão. Graduado em Letras (UFMA). Mestre em Educação (UCB). Doutorando em Meio Ambiente em Desenvolvimento Regional (Anhanguera-Uniderp). E-mail: josneres@globo.com.

seus objetivos, o artigo está dividido em quatro partes que se completam. No primeiro momento, foi definida e explicada a metodologia utilizada. A seguir foi feito um breve levantamento da ocupação e da história de Pastos Bons, município onde está situado o objeto central do estudo. Logo depois, há um levantamento do histórico da ocupação do povoado, seus fundadores e a personalidade mais ilustre da localidade, para, finalmente fazer-se um esboço da situação atual do local, em seus aspectos físicos e sociais.

Como praticamente não existem estudos publicados a respeito da localidade escolhida, espera-se que o presente estudo desperte o interesse de membros da comunidade local e de outros pesquisadores para os aspectos aqui apresentados e para outros que não foram abordados neste artigo.

METODOLOGIA

Raras são as informações escritas sobre o povoado de Santa Fé em livros e/ou periódicos. Mesmo na grande rede mundial de computadores há poucas referências a este povoado, o que levou o pesquisador a optar por investigar seu objeto de estudo a partir das fontes primárias em forma de conversas informais com algumas pessoas nascidas no povoado ou que, reconhecidamente, tenham sido citadas pelos informantes como conhecedoras da história da localidade.

Dessa forma, o processo de coleta dos dados foi dividido em duas etapas distintas: na primeira, foram estabelecidas conversas informais com seis pessoas nascidas em Santa Fé e que no momento da pesquisa estivessem na faixa acima dos 40 (quarenta) anos de idade. A seleção dos informantes não teve caráter aleatório e foi estabelecida com base em alguns critérios que vão além da idade. As condições de corte foram as seguintes: a) os informantes deveriam haver nascido na localidade estudada; b) deveriam haver passado, obrigatoriamente, pelo menos parte da juventude no povoado; c) deveriam demonstrar sentimento topofílico com relação à Santa Fé; d) deveriam estar dispostos a colaborar com informações.

Tais critérios de seleção foram estabelecidos com o intuito de filtrar informações que possivelmente não seriam necessárias para estabelecer o histórico do movimento de ocupação da localidade. Nesse primeiro momento, as oitivas tiveram caráter informal e não foram filmadas nem gravadas, uma vez que o interesse geral era o de recolher dados que

possibilitassem de outros informantes em perfeitas condições prestar depoimentos mais aprofundados a respeito da história do povoado.

Os informantes localizados indicaram nomes de pessoas pertencentes a gerações anteriores a deles e que tiveram participação ativa na ocupação do local ou que receberam de seus familiares e amigos informações sobre o tema desta investigação.

Cotejados os nomes dos possíveis informantes, foram estabelecidos os contatos e feitas as entrevistas, que desta vez tiveram seus registros gravados para consultas posteriores. Os dados obtidos foram a seguir cotejados com as demais informações.

Para finalizar o estudo, o pesquisador fez uma observação *in loco* no povoado no período compreendido entre 27 de dezembro de 2016 a 01 de janeiro de 2017, a fim de comprovar algumas informações recebidas e também de verificar a atual situação do objeto de estudo. No mais, foram feitas diversas leituras, a fim de situar o município de Pastos Bons no cenário histórico e regional.

PASTOS BONS: BREVE APANHADO HISTÓRICO

Inicialmente considerada freguesia (1744), posteriormente Vila (1811), depois comarca (1835), como informa Marques (2008), a região de Pastos Bons cedeu território para o surgimento de diversos outros municípios, como Mirador (em 1870), Loreto (em 1873), Nova Iorque (em 1890), Alto Parnaíba (em 1881) e Benedito Leite (em 1919). A cidade de Pastos Bons foi estabelecida como município a partir de 1933, sendo “a mais antiga das cidades do sul maranhense” (COELHO, 2008, P. 113). Dados disponíveis na página eletrônica oficial da Prefeitura¹ informam que o município dista 550 quilômetros da capital maranhense e que se limita com os seguintes municípios: Passagem Franca, Nova Iorque, Sucupira do Norte, São João dos Patos e Paraibano. O município pertence à mesorregião do Leste Maranhense e ocupa uma área de 1.620.176 km², com uma densidade populacional de 11,16 habitantes por

¹ Os dados relativos aos aspectos econômicos e geográficos de Pastos Bons foram colhidos no site <http://pastosbons.ma.gov.br/>, sob a responsabilidade do poder executivo do município. Acesso em 18 de setembro de 2016.

quilômetro quadrado, com, segundo dados do IBGE, de 2008, 18.079 habitantes. O bioma predominante é o cerrado. O clima é tropical, com períodos de seca.

Antes de ser declarado como município propriamente dito, Pastos Bons era o nome geral pelo qual era conhecida toda a região que engloba as hoje cidades de São João dos Patos, Passagem Franca, Balsas, chegando a ser anexado, em 1811, ao Distrito de Caxias, conforme comentários de Marques (2008).

De modo Geral, “Pastos Bons foi então uma expressão geográfica, uma denominação regional, dada pelos ocupantes à imensa extensão de campos abertos para o Ocidente em uma sucessão pasmosa em que ao bom sucedia o melhor” (CARVALHO, 2000, p. 68), ideia essa corroborada por Coelho (2005, p. 135-136), para quem “Pastos Bons tem esse nome graças à riqueza de suas fontes, à fertilidade de seus campos, de suas florestas, de seu solo, à beleza de sua paisagem”. Essa denominação é confirmada também por Cabral (2005) em seu estudo dedicado a comprovar a importância da criação e da comercialização do gado para a ocupação da parte sul do Maranhão

Como o objetivo maior deste estudo não é detalhar a história de Pastos Bons, mas sim explorar o povoado conhecido como Santa Fé, que fica nos arredores da sede do município, pode-se acrescentar, para quem tenha interesse em explorar o assunto, o que diz um dos fundadores da Academia Letras, História e Ecologia da Região Integrada de Pastos Bons:

As novas gerações de jovens maranhenses do sertão sul precisam conhecer melhor a história da terra. E três livros são indispensáveis para no-la apresentar: o livro do major Francisco de Paula Ribeiro “Descrição do Território de Pastos Bons”, escrito de 1819; o livro de Carlota Carvalho “O Sertão –subsídios para a História e a Geografia do Brasil”, de 1924 e, agora, “O Velho Jaborandy” [de Agostinho Noletto, de 2003]. (COELHO, 2005, p. 87)

Dos livros indicados por Coelho, todos ainda podem ser encontrados e consultados, sendo que apenas o último pode ser considerado obra de cunho literários, e as demais são textos clássicos sobre a região. O trabalho de Francisco de Paula Ribeiro, cuja atuação “na região de Pastos Bons pode ser caracterizada como a de um ponta de lança da conquista daquela imensa área” (MARTINS, 2002, p. 10), além de estar disponível na internet, encontra-se enfeitado no volume *Memórias do Sertão Maranhense*, que traz a compilação de três importantes trabalhos

A essas sugestões de leituras dadas pelo professor Celso Barros Coelho, podem ser acrescentados os livros *Caminhos do Gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão*, de Maria do Socorro Coelho Cabral; *Tempo e Memória: Pastos Bons*, de Celso Barros Coelho, o verbete Pastos Bons do *Dicionários Histórico e Geográfico do Maranhão*, publicado por

Augusto César Marques em 1870 e atualizado por Jomar Moraes, em 2008, e a monografia *Pastos Bons*, publicada em 1967 por Clodoaldo Cardoso.

CHEGANDO AO POVOADO DE SANTA FÉ

A 586 quilômetros da capital maranhense, partindo pela BR 135 e depois seguindo pela BR 230, atravessando o município de Pastos Bons, rumo ao sul do Maranhão, está o povoado de Santa Fé. A localidade é pequena e acolhedora, mas raramente aparece apontada nos mapas oficiais. Ao chegar ao ponto conhecido pela população como Boa Esperança, o visitante/viajante encontra uma placa da prefeitura local anunciando a chegada ao povoado, porém, próximo a essa informação vem outra talvez mais significativa: em um bloco de concreto está escrito: “Povoado Santa Fé a 9 km”. Sem esforço, é possível notar que a estrada é de chão batido, tendo sido recentemente feito um serviço de terraplenagem.

Quem optar por conhecer o povoado utilizando os serviços de um ônibus de linha, deve descer cinco quilômetros antes da entrada de Santa Fé, no povoado Mosquito, que fica à margem da BR, e dali esperar algum meio de transporte para chegar a seu destino. Geralmente os moradores da localidade contam com o suporte de amigos e/ou parentes que os esperam a chegada do ônibus. Mas também é possível contar com um serviço de transporte alternativo (lotação) que leva os recém-chegados tanto a Santa Fé quanto a alguns outros vilarejos da circunvizinhança.

O trajeto de Boa Esperança até o povoado é longo, sinuoso e cheio de aclives e declives. As pedras soltas por todo o caminho exigem perícia e cuidado dos condutores. Não são raros os sinais de que alguém derrapou e saiu da pista, abrindo pequenas clareiras com a largura de carros de passeio ou caminhonetes.

Logo após, uma curva e um declive acentuados, começam a surgir as primeiras casas. Do início da rua Vitor Alves é possível visualizar quase toda a extensão do povoado e observar que ele está na parte baixa da confluência de diversas serras e cercado de uma mata espessa e bastante verde.

SANTA FÉ: UM ESBOÇO HISTÓRICO

O local onde hoje está situado o povoado chamado Santa Fé, no município de Pastos Bons, anteriormente era chamado de Feira, nome que se referia ao fato de ali haver uma feira para a qual se dirigiam moradores de outros povoados dos arredores, como Coco, Bacaba e da antiga Santa Fé, que ficava alguns quilômetros acima, próximo à estrada que atualmente leva ao atual povoado. Ao estudar a história da povoação de Pastos Bons. Cardoso (1947) reproduziu um esboço de mapa produzido pelo Departamento Estadual de Estatística no qual aparece a localidade de Santa Fé. Pode-se deduzir que o ponto no mapa se refere à antiga Santa Fé. No entanto, como o deslocamento da povoação para a antiga localidade chamada Feira foi de apenas poucos quilômetros, pode-se utilizar ainda o referido mapa como localização do povoado, conforme pode ser visto na reprodução abaixo.

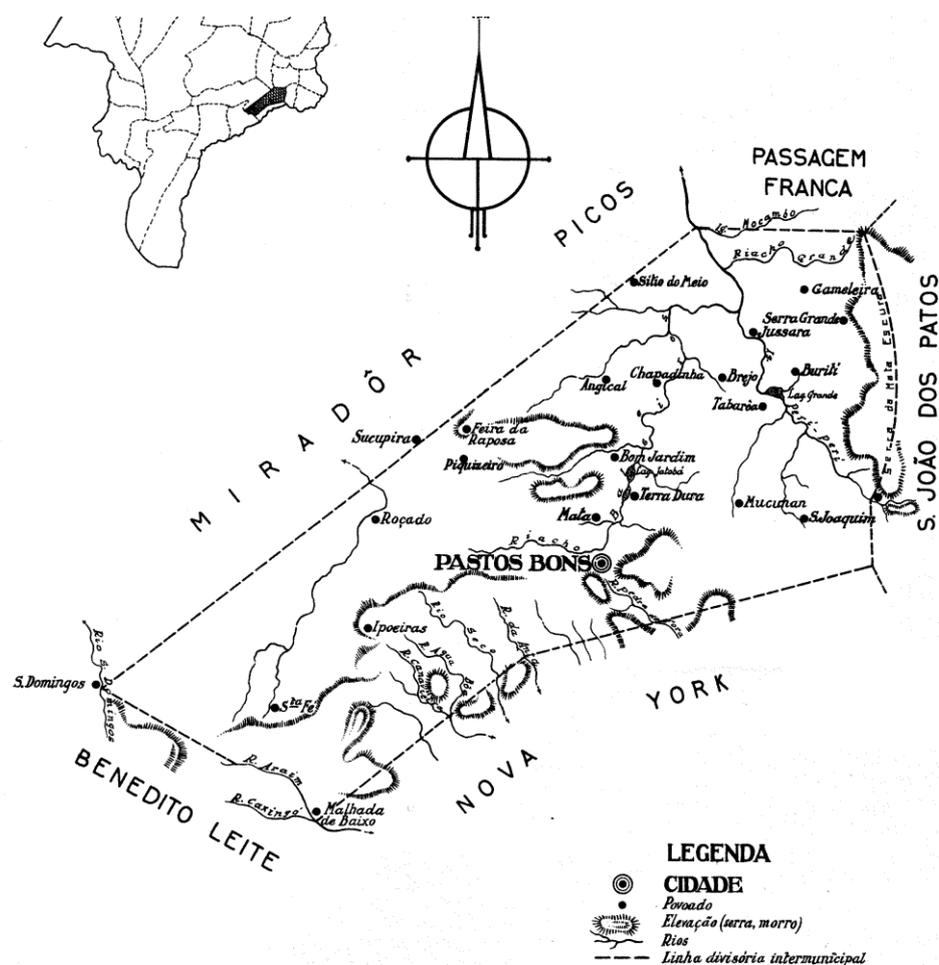


Figura 1: Antigo mapa de Pastos Bons. Fonte: CARDOSO, Clodoaldo. Municípios Maranhenses: Pastos Bons. Rio de Janeiro: Serviços Gráficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1947. p. 91.

Foi a necessidade de ficar mais próximos do local de compra e venda dos bens de consumo e também a presença de água corrente que levaram os moradores da antiga Santa Fé a se deslocarem alguns quilômetros para se estabelecerem no novo local. Esse deslocamento não levou apenas os habitantes, mas também as peculiaridades do antigo povoado e seu nome. Então, aos poucos, onde era Feira nasceu uma nova Santa Fé.

OS FUNDADORES

É difícil precisar com total exatidão qual foi a primeira pessoa a chegar à localidade que é objeto de estudo deste trabalho, pois não há registros documentais desse acontecimento. No entanto, a partir dos depoimentos colhidos foi possível identificar os hipotéticos responsáveis pela ocupação, gênese e povoamento da localidade, que anteriormente eram terras pertencentes a um senhor identificado pelos informantes como Manoelzinho, que ainda tem seus descendentes na região, o que vez ou outra ocasiona questões judiciais a respeito da posse das terras. Aparentemente, o movimento de ocupação não teve conflitos físicos, mas os informantes não souberam informar o que aconteceu na época, na década de 40 do século XX.

Os entrevistados não tiveram dificuldade em citar o nome dos três moradores apontados como fundadores do povoado em questão. No entanto, demonstrando uma visão ideológica marcada pelo patriarcalismo, o nome de suas companheiras ou esposas não foi citado como elemento fundador do povoado, corroborando com as palavras de Falci (2007, p. 242), quando afirma que no sertão nordestino foi gestada uma “sociedade altamente fundamentada no patriarcalismo. Altamente estratificada entre homens e mulheres, entre ricos e pobres, entre escravos e senhores, entre ‘brancos’ e ‘caboclos’” com as mulheres sendo “treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas ‘prezadas domésticas’ – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar” (FALCI, 2007, 249). Talvez por essas concepções ainda estarem arraigadas no imaginário popular, houve preferência por considerar apenas os homens como fundadores do povoado, com evidente apagamento da presença de suas respectivas consortes.

Os três pioneiros na ocupação de Santa Fé receberam como forma de homenagem as principais ruas do povoado batizadas com seus nomes. Suas respectivas esposas, que devem

ter tido papel relevante nessas incursões não têm seus nomes registrados nos logradouros, e há poucas informações sobre elas.

Os casais Vitor Alves Souza e Alice Alves Barros, Abraão Leão Grangeiro e Maria de Lourdes Alves Sousa, Dioclesiano França Barros e Domingas Ferreira Sandes podem ser considerados os fundadores da localidade. A partir das conversas informais com moradores, foi possível reconstituir um breve perfil de quem foi cada um desses pioneiros na ocupação de Santa Fé.

De ascendência cearense, possivelmente da cidade de Icó, o senhor Vitor Alves é considerado por diversos depoentes como o primeiro dos três fundadores a chegar ao local onde está estabelecida Santa Fé. Além de ser um homem dedicado às lides com a terra, Vitor Alves era também um homem com muita habilidade no uso da linha e da tesoura, sendo excelente alfaiate e iniciando uma tradição que perdura até os tempos atuais: a de homens da família envolvidos com a arte da alfaiataria.

O professor Leigo Abraão Grangeiro está na memória dos moradores mais antigos como um homem culto, que mesmo sem educação formal foi o primeiro educador do povoado, além de ser uma espécie de médico informal da região. Ele nasceu em 1901 e faleceu em 1980. A família original é oriunda da Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, de onde, fugindo das intempéries, três irmãos – Joaquim, Raimundo e Manoel Grangeiro Cavalcante – atravessaram boa parte do nordeste e se estabeleceram no povoado de Bacuri. Do relacionamento entre Joaquim e uma moradora da região, nasceu Abraão Grangeiro, que, antes de estabelecer-se como educador, atuou no comércio, compreendendo e vendendo produtos, principalmente cocos, por toda a região.

Descendente de portugueses, que possivelmente se estabeleceram em São Paulo e depois migraram rumo ao Nordeste, o senhor Dioclesiano França Barros foi também um dos pioneiros a morar em Santa Fé. A princípio ele era morador da localidade conhecida como Caldeirão e foi se estabelecer na antiga Feira, Atual Santa Fé. Possivelmente, ele e sua esposa chegaram pouco depois de o senhor Vitor Alves haver se estabelecido na localidade. Era proprietário de terras e dono de um engenho no qual produzia rapadura e bebidas alcólicas.

Provavelmente, esses três homens acompanhado de suas esposas, filhos e demais parentes, a partir do início da década de 40 do século XX, deram dinamismo ao lugarejo e depois deles muitas outras famílias chegaram e ali se estabeleceram, transformando a antiga

Feira em uma nova povoação que, mesmo pequena, atraiu outros trabalhadores para seu entorno, dando origem ao povoado.

RAIMUNDO LEÃO GRANGEIRO: O SÁBIO DO POVOADO

Em quase todas as conversas com os moradores de Santa Fé, o morador mais lembrado e citado foi o do professor Raimundo Leão Grangeiro. Durante as entrevistas informais, as inúmeras referências à pessoa do professor Grangeiro como sendo o morador mais saudoso e benquisto da localidade, fizeram com que houvesse a necessidade de destacá-lo em um tópico à parte deste estudo.

O posto de saúde da localidade, a partir de 18 de junho de 2013, pela Lei Municipal nº 279/2013, proposta pela Câmara dos Vereadores e sancionada pela prefeita Iriane Gonçalo de Sousa Gaspar, passou a receber o nome de Raimundo Leão Grangeiro, em homenagem a um dos mais influentes e respeitados moradores nascidos no povoado.

Uma espécie de médico, sacerdote, conselheiro e professor, Raimundo Leão Grangeiro, nascido em 14 de junho de 1937, foi um dos poucos de sua geração que teve acesso aos estudos formais e, possivelmente por isso, associado a uma postura íntegra, conciliadora e rígida ao mesmo tempo, conquistou o respeito e a admiração dos demais moradores. Filho do casal Abraão Leão Grangeiro e Maria de Lourdes Alves Grangeiro, ele, na juventude deixou o povoado e partiu rumo à sede do município, a fim de dar início a seus estudos. Com o intuito de aprofundar seus conhecimentos, partiu para a vizinha cidade de Floriano, no estado do Piauí, onde concluiu os estudos hoje equivalente ao ensino médio. De volta ao Maranhão, radicou-se por um tempo na cidade de Caxias, onde fez estudos sacerdotais, sem, no entanto chegar a ser ordenado.

De volta a sua terra natal e recebido como alguém que desbravou novos horizontes, passa a dar aula na pequena escola do povoado. Uma informante, também nascida no local, afilhada de Grangeiro, destaca a rigidez de seu padrinho como professor e seu amor pelos livros, “em sua casa havia livros de todas as áreas, principalmente sobre plantas e ervas medicinais”. Ressaltando que ele não deixava ninguém entrar em seus aposentos e nem mesmo mexer em seus livros.

Um dos informantes declarou que Grangeiro era um verdadeiro pai para a comunidade, era o homem mais inteligente do povoado. Ele cuidava de todo mundo e o remédio que ele receitava era respeitado até mesmo pelos médicos formados da cidade, que sempre queriam saber qual foi o remédio indicado e faziam sinal de aprovação sobre a escolha.

A figura do velho mestre passando rumo ao Grupo Escolar Santa Terezinha com o livro debaixo do braço e com a palmatória pendurada por um barbante ainda é bastante presente na memória dos antigos alunos e dos demais moradores. Era um professor severo e que educava à moda antiga, utilizando inclusive castigos físicos para atingir seus objetivos pedagógicos. Os informantes que tiveram aula com Raimundo Leão Grangeiro confirmaram a rigidez com que o professor Grangeiro ministrava suas aulas, inclusive lembrando as palmatoradas recebidas, mas sem negarem a capacidade de ensinar do ilustre lente da localidade.

Como na localidade não havia enfermeiro ou mesmo auxiliar de enfermagem, Raimundo Leão Grangeiro tomou para si a incumbência de cuidar da saúde dos moradores do povoado. Informações oriundas tanto de fontes orais quanto de documentação oficial colhida na página eletrônica do município de Pastos Bons levam a crer que ele foi responsável por mais de quinhentos partos e que cuidou da saúde de milhares de pessoas. Sua fama levava moradores de povoados vizinhos a se dirigirem à Santa Fé em busca de solução para seus problemas de saúde e isso, de certa forma serviu para impulsionar e dinamizar a escassa economia da localidade.

Outra particularidade que chama atenção é o fato de que Raimundo Leão Grangeiro é conhecido como primeiro motorista habilitado que conduziu um automóvel em Santa Fé, fato que aumentava a admiração dos moradores sobre sua figura. O carro que ele dirigia, um fusca modelo 1975, ainda se encontra ao lado da casa em que ele morou, sendo conservado pela família, assim como outros objetos pessoais.

No dia 29 de novembro de 2012, aos 75 anos, após passar por diversos problemas de saúde e de ser diagnosticado como portador do Mal de Alzheimer Raimundo Leão Grangeiro faleceu em Goiás, onde foi enterrado, mas suas histórias ainda povoam o imaginário dos moradores de Santa Fé.

A SANTA FÉ DE HOJE

Conforme pode ser visto na imagem 2, capturada pelo aplicativo Google Eather Pro, Santa Fé é uma localidade de reduzidas dimensões. São basicamente três ruas em que se concentram quase todas as residências da localidade. A que dá acesso ao povoado recebe o nome de Vitor Alves, encontra com a rua Deocleciano Barros e finalmente é interceptada pela rua Abraão Granjeiro, formando um T. É nessas ruas principais, que apenas recentemente foram asfaltadas e que receberam o nome de pessoas influentes na história do povoado, que grande parte do movimento acontece e onde estão localizados os comércio que suprem as necessidades básicas dos moradores, com a venda de gêneros alimentícios, produtos de limpeza, medicações básicas, escassas peças de vestuário, relativa fartura de instrumentos para o trabalho no campo e, principalmente, bebidas alcoólicas.

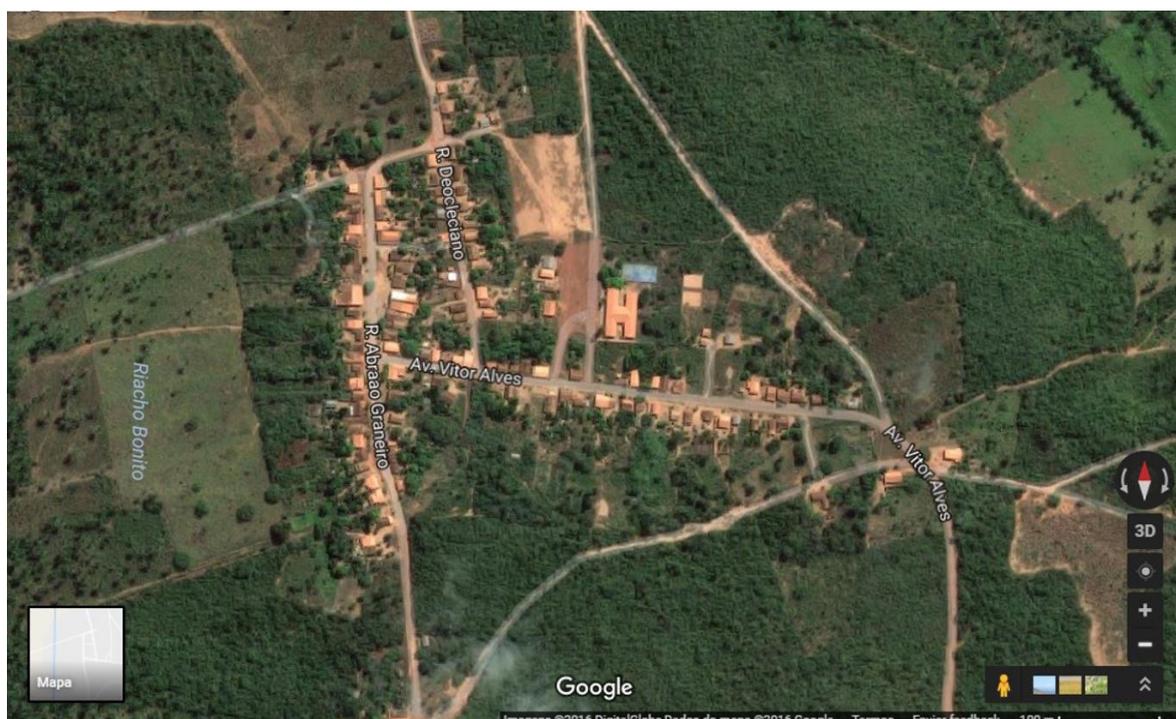


Imagem 2: Visão panorâmica de Santa Fé. Fonte: Aplicativo do Google

A prevalência de instrumentos de trabalho à venda no comércio local pode ser justificada pela atividade exercida por boa parte dos moradores do povoado, que são trabalhadores ligados à lavoura e à criação de gado. Mesmo sendo em sua essência voltadas para a subsistência familiar, com plantações de soja, arroz, milho e feijão, além da criação de aves e suínos, percebe-se que parte da produção excedente é comercializada entre os moradores

em uma espécie de feirinha, sendo as sextas-feiras o dia em que um animal bovino é morto e sua carne vendida na área central do povoado.

Dados colhidos na página eletrônica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram que, no Censo de 2010, a configuração geral do povoado era a seguinte:

Nº de domicílios habitados	Nº total de moradores	Nº de moradores do sexo masculino	Nº de moradores do sexo feminino
122	554	293	261

Tabela 1 – Elaborada pelo autor deste trabalho com base em dados do IBGE

É possível inferir-se pelos dados expostos que o número médio de moradores na época do recenseamento era de 4,54 por residência e que o percentual de homens (53%) é superior ao de mulheres (47%) no povoado. Essa diferença se dá, possivelmente, pelo fato de que, mais ligado às lides com a terra, os homens deixam menos a região. Já as mulheres saíram em busca de estudos ou de trabalhos que não fossem relacionados diretamente com o campo.

Como o próximo senso deverá acontecer apenas em 2020, durante o período de observação *in loco*, o pesquisador fez um levantamento expedito do povoado percorrendo todas as ruas. Como a observação se deu em um período de final de ano, quando o fluxo de chegada e saída de moradores é alto, não foi possível precisar o número exato de habitantes em Santa Fé, por isso os dados aqui apresentados são aproximativos, sem garantia de exatidão

O povoado inteiro conta, no final de 2016, com 162 imóveis, contando os públicos e os privados. Desses, cinco são, além de moradia, pontos de comerciais, dois são igrejas (uma cristã e uma protestante), um posto de saúde e uma escola pública. Alguns estão abandonados, como o da antiga escola municipal e do antigo clube do povoado, uma espécie de salão de festas. Percebeu-se que diversas casas foram recentemente construídas, com moradores que, ou se mudaram há pouco tempo para o povoado, ou pessoas que contraíram enlaces matrimoniais e deram origem a novo núcleo familiar.

Mantendo-se constante o percentual de 4,54 habitante/casa, conforme indicam os dados do Censo/2010, e eliminando-se os prédios públicos, estima-se que a população atual seja de aproximadamente 717 habitantes, o que demonstra um crescimento populacional de cerca de 29% em comparação com o levantamento oficial feito em 2010.

A situação econômica dos moradores quase sempre pode ser notada a partir do material com que foi erguido o imóvel e sua fachada. O padrão é o porta e janela levantado em adobe, tipo de tijolo artesanal fabricado pelos próprios moradores mais carentes, ou alvenaria, no caso

de famílias com melhores condições financeiras. Poucas casas seguem um padrão mais arrojado e demonstram haver recebido um acabamento a base de cerâmica comum e/ou porcelanato. No geral, as casas são cobertas de telhas coloniais.

Algumas tradições persistem no povoado, apesar das inovações tecnológicas que vêm tomando conta do local. Durante o período de observação por exemplo, faleceu, de causas naturais, a moradora mais idosa do povoado, a senhora **MC**², que estava com 93 anos de idade. Seguindo os costumes, familiares, amigos e vizinhos se revezaram para velar o corpo durante toda a madrugada. Enquanto isso, alguns homens da família preparavam a cova. Pela manhã foi rezada uma missa de corpo presente e, logo depois, o cortejo fúnebre se dirigiu para o cemitério, que dista cerca de um quilômetro da sede do povoado. Cerca de uma centena e meia de pessoas, ao som de músicas religiosas e de orações consagradas pela Igreja Católica, seguiram o carro funerário que, equipado por um som de média potência, conduziu o ataúde até o local determinado. Quando o corpo desceu à cova, quase todos os presentes, pegaram um punhado de terra e jogaram sobre o caixão, o que, segundo a tradição, além de ser uma homenagem à pessoa falecida, como uma espécie de despedida, traduz também o desejo de cada uma das pessoas que jogaram a terra de não ser a próxima a falecer, segundo informou um dos acompanhantes do cortejo fúnebre.

O índice de violência de furtos e de assaltos no povoado é bastante baixo, praticamente desprezível, embora muitos tenham chamado atenção para o furto de galináceos nos quintais, mas relataram isso como algo normal, quase uma tradição local sem maiores consequências. Esse baixo índice de violência pode ser notado pela presença de grades em apenas uma das casas, poucas residências com portão de alumínio e pelas portas e janelas quase sempre abertas durante o dia até a hora que os familiares se recolhem para dormir. É comum encontrar diversas pessoas sentadas à porta das casas, conversando, jogando baralho, bebendo ou simplesmente observando o movimento dos poucos transeuntes. Um visitante é bem recebido e geralmente é convidado a sentar-se e fazer parte da conversa, do jogo ou da roda de bebida. Mas geralmente uma das primeiras perguntas feitas tem a ver com as origens familiares do recém-chegado. A resposta não altera o grau de receptividade mas quase sempre conduz a conversa para histórias que lembram antepassados das pessoas presentes.

Dado o grau de familiaridade entre os moradores de Santa Fé, não são raros os casos em, querendo falar com determinado morador, um parente ou amigo, ao encontrar a porta aberta

² O nome da senhora falecida foi propositadamente omitido, citando-se apenas as iniciais dos dois primeiros nomes

não bata palmas ou peça licença, vá logo entrando pela casa e se dirija aos cômodos mais reservados, como cozinha e quartos. Caso esteja no horário das refeições, o visitante é convidado a fazer parte da mesa, podendo ou não aceitar o convite. Contudo essa pessoa não precisa desculpar-se ou achar inconveniente o horário da visita, podendo tratar de sua demanda, sem necessidade de voltar em outro horário para resolver o problema que lhe levou até o local.

No entanto, apesar desses aspectos culturais e comportamentais, algumas alterações já podem ser percebidas a partir da chegada de algumas inovações tecnológicas disruptivas ao povoado. Em todas as residências visitadas foi notada a presença de um aparelho televisor, que fica na sala e que serve, ora para distrair as crianças, com desenhos animados, ora para acompanhar as telenovelas ou os telejornais. Como o povoado fica em uma região afastada, o sinal das tevês abertas nem sempre é muito bom, então, além da televisão, as moradias contam também com uma antena parabólica e com um receptor de canais.

A partir de outubro de 2016, foi instalado pelo governo municipal um ponto irradiador de sinal de internet com acesso liberado a partir da rede intitulada *Governando com você*, em clara referência ao mandato da atual gestora municipal. O sinal atinge um raio de aproximadamente 150 metros a partir da origem, o que cobre uma parcela significativa das três principais ruas do povoado. Com isso, pôde-se perceber uma bifurcação de efeitos de tal evento. Os mais velhos, quase sempre portadores de linhas telefônicas fixas e/ou de aparelhos celulares mais antigos, não compreendem essa nova forma de comunicação e desdenham dos mais jovens, que se concentram em pontos onde o sinal de internet é mais forte.

Com a presença do wifi gratuito, algo que até pouco tempo era exclusivo de uma parcela limitada da população, passou a ser estendido a mais pessoas, criando também um novo fetiche de consumo por parte da população mais jovem: possuir um aparelho moderno que comporte aplicativos de comunicação instantânea. É possível então notar por parte dos membros de uma faixa etária mais jovem, grupos de adolescentes concentrados em um mesmo ambiente, mas sem diálogos orais entre si, pois a comunicação se dá por parte dos aplicativos. Apesar dessa aparente incomunicabilidade entre as pessoas essa informatização das relações pode apresentar diversos aspectos positivos, como, por exemplo, possibilidade de entrar em contato com parentes que moram em locais distantes e a abertura de novas formas de informação e de diversão

SERVIÇOS BÁSICOS

Água encanada, luz elétrica e serviços de comunicação são alguns dos elementos essenciais para o conforto, para a saúde e para o desenvolvimento de uma localidade. A possibilidade de ter água tratada em casa reduz as possibilidades de enfermidades além de prevenir alguns problemas físicos, ocasionados pela obrigação de levar para casa a água necessária para o uso doméstico. Com a luz elétrica, os alimentos podem ser acondicionados em geladeiras e congeladores, evitando que a comida se estrague, além melhorar a visibilidade durante a noite e de favorecer oportunidades de diversões.

Porém, no povoado de Santa Fé, essas benesses demoraram bastante a chegar. Foi em fevereiro de 1990 que a fiação de eletricidade foi levada à localidade. Nem todas as pessoas tinham condição de ter em casa os lampiões a gás, às vezes nem mesmo fogões a gás, restava às famílias iluminarem a casa usando velas, lamparinas ou outros recursos que garantissem o mínimo de conforto visual durante a noite, apelando para a lenha e o carvão para processamento dos alimentos. Alguns informantes lembram que, quando as luzes dos postes foram acesas, a alegria tomou conta de todos e, na falta de fogos e artifícios, alguém lembrou-se de pegar a espingarda e dar um tiro para cima, para comemorar o acontecimento.

Com a disponibilidade de energia elétrica, aparecem no povoado os primeiros aparelhos de televisão. Meses depois, alguns moradores podiam assistir à derrota do Brasil para a Argentina na Copa do Mundo da Itália, dividindo-se depois entre torcer para Alemanha ou Argentina na final do Campeonato, que foi vencido pelo time alemão.

Cerca de três anos depois, em janeiro de 1993, começam a aparecer as primeiras ligações de água encanada no povoado. Uma das informantes lembra-se muito bem da data em que jorrou pela primeira vez água pelas torneiras de sua casa: 23 de janeiro de 1993, véspera do nascimento de uma de suas filhas. Antes desse evento, o abastecimento de água no povoado era feito por meio de poços que alguns moradores tinham no quintal de suas casas ou na fonte/chafariz que ainda existe na rua que dá acesso ao povoado, próximo à bifurcação das demais ruas. Provavelmente a escolha do local do chafariz era estratégico, pois situa-se em um ponto praticamente equidistante para o acesso da maioria dos moradores a esse recurso natural. No entanto, moradores mais antigos recordam que antes da chegada da água encanada ou mesmo da instalação do chafariz público, a população recorria às numerosas fontes de riachos dos arredores para terem água em suas casas. O transporte desse recurso era feito em “lombo

de jumentos ou cavalos”, ou mesmo em bilhas (potes), que eram levados na cabeça, principalmente de mulheres, por longas distâncias.

O esgoto, por outro lado ainda não é uma realidade para todos na localidade. As casas contam com fossas situadas nos quintais para escoamento dos dejetos e da água servida. Algumas residências já contam com banheiros no seu interior ou mesmo com “suítes”, mas a maioria conta apenas com os banheiros improvisados nos fundos dos quintais, o que pode causar problemas de saúde ou danos ambientais, pois as fossas podem contaminar o lençol freático.

Outro elemento importante que demorou bastante a chegar à Santa Fé foi o telefone. Até o final da década de 90 do século XX, quem queria se comunicar com algum morador dali deveria ligar para um posto da Telma (Telefonia do Maranhão), dizer para a telefonista com quem queria falar e voltar a ligar em um prazo estabelecido de acordo com a distância da casa do morador para o posto. Um mensageiro pegava uma bicicleta e ia comunicar ao destinatário da ligação a ser recebida. Às vezes, por problemas técnicos, a população ficava dias ou até semanas sem acesso à telecomunicação. A Telma se transformou em Telemar (Telecomunicações do Maranhão), mas os problemas continuaram. Posteriormente, a empresa foi englobada pela Oi e, com a onda de privatizações, o acesso a uma linha telefônica ficou mais fácil e alguns moradores puderam instalar telefones fixos em suas residências. Tais aparelhos foram paulatinamente substituídos pela telefonia móvel.

A internet, por sua vez, chegou primeiro a algumas casas que tinham condições financeiras de arcar com os custos de uma assinatura de acesso à rede. O interesse primordial era manter contato com os familiares distantes por e-mail e depois por meio das redes sociais. Com as evoluções técnicas e o surgimento da possibilidade de compartilhamento do sinal, alguns moradores instaram roteadores e permitiram o acesso à rede sem fio, mas mesmo assim esse tipo de serviço não era disponibilizado para todos, pois os equipamentos eram geralmente protegidos por senhas. Próximo às eleições municipais de 2016, foi disponibilizado um sinal aberto de internet, o que facilitou a comunicação dos moradores do povoado com seus parentes e amigos que moram em outras cidades ou regiões. No entanto, mesmo com algumas pessoas tendo acesso a aparelhos relativamente modernos, como tablets e smartphones, a única operadora de telecomunicações que atua na localidade só oferece linhas telefônicas fixas, com a população ainda sem acesso à rede de telefonia móvel. Dessa forma, os aparelhos usados

servem mais para acesso à internet pública e para uso de aplicativos de comunicação instantânea do que para fazer ou receber ligações convencionais.

ECONOMIA

Ao estudar o século XXI, Mészáros (2012, p. 19) comenta que “o sistema do capital se articula numa rede de contradições que só se consegue administrar medianamente, mesmo assim durante curto intervalo, mas que não se consegue superar definitivamente”. Essa rede de contradições de que fala o sociólogo húngaro pode ser notada em diversos lugares do mundo capitalista, sendo evidenciada pelo antagonismo existente entre capital e trabalho.

Em Santa Fé não é diferente. Embora grande parte da produção do povoado seja revestida para a sobrevivência dos moradores, o que ali é produzido é suficiente para satisfazer às necessidades da população. Torna-se então necessário que o excedente seja transformado em mercadoria e trocado por dinheiro para que algumas das necessidades sejam satisfeitas. Dessa forma, no povoado, a circulação do dinheiro se dá basicamente de três formas: 1) dinheiro que circula entre os moradores a partir do sistema de compra e venda de mercadorias excedentes; 2) dinheiro que acaba sendo acumulado por aqueles que detêm a mercadoria, vista aqui como “um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia” (MARX, 2016, p. 57); 3) O dinheiro que entra, seja a partir de remessas feitas por parentes que moram em outras cidades, regiões ou países, por meio das subvenções das políticas públicas ou ainda da venda de produtos para o mercado externo, sendo que esses valores geralmente começam a circular assim que entram no circuito, passando a fazer parte de (1); 4) Dinheiro que sai da esfera local, seja pela compra de mercadorias necessárias à satisfação de necessidades como medicamentos, alimentação, utilidades domésticas ou transporte.

De modo geral, há a tendência de que

$$(3) \rightarrow (1) \rightarrow (2) \text{ ou } (4),$$

Ou seja, o dinheiro que entra, começa logo a fazer parte de um fluxo de circulação interna, para, finalmente sair novamente ou ficar acumulado nas mãos dos moradores mais abastados, mantendo um ciclo de desigualdades dentro de um cenário em que, à primeira vista, pode parecer repleto de igualdade de condições.

Durante o período de observação, pôde-se notar a passagem de diversos vendedores itinerantes que aproveitam a passagem pelos povoados e comercializam vários produtos, como espelhos, utensílios de cozinha, produtos de cama, mesa e banho, além de verduras, frutas e carnes. Essas mercadorias são pagas em dinheiro vivo, ou, em caso de um produto de valor considerado mais elevado, transformado em crediário, com a cobrança sendo feita porta a porta em uma data combinada entre as partes.

Podemos perceber que a economia de Santa Fé gira em torno de alguns pilares que se completam. De um lado estão as rendas obtidas através de aposentadorias rurais e outros benefícios, como o Bolsa Família. Tais benefícios acabaram por interromper uma prática que era muito comum não apenas ali, mas em boa parte do Nordeste. Uma das entrevistadas, atualmente moradora da capital maranhense, chegou a lamentar que “antes do Bolsa Família era muito fácil conseguir uma menina para trabalhar e estudar, mas agora essas garotas só pensam em ter filhos para receberem dinheiro, não querem mais sair daqui”.

Além da agricultura de subsistência com a venda do excedente, foi possível notar também que a economia local gira também em torno de algumas outras fontes de renda, como, por exemplo, quebra de coco babaçu, para venda da amêndoa (atividade predominante entre as mulheres), trabalho no campo (com plantações e criação de gado, principalmente nas fazendas que circundam o vilarejo), venda de artesanatos (quase sempre confeccionados em fios) e venda de serviços especializados (em oficinas mecânicas que consertam motos e automóveis, salões de beleza e barbearias improvisados e serviços de transporte, por conta da distância entre o povoado e a sede do município), produção de bebidas alcólicas, principalmente cachaça, pois há vários alambiques nas redondezas. Há ainda que se levar em consideração a influência do comércio, sobrevive principalmente da venda de gêneros alimentícios, bebidas e demais produtos de primeira necessidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possivelmente fundado pelos senhores Vitor Alves, Abraão Grangeiro e Dioclesiano Barros – e suas respectivas consortes, o povoado de Santa Fé, que faz parte do município de Pastos Bons ainda apresenta muitos desafios para a elaboração de um esboço histórico mais aprofundado, já que praticamente não há documentação física e/ou material

bibliográfico a respeito de sua fundação e desenvolvimento. Resta, então recorrer à memória dos habitantes da região para que seja feita uma reconstituição dos fatos e eventos que levaram à constituição do povoado.

Neste trabalho, tentou-se mostrar como se deram as transformações que levaram ao movimento migratório da antiga Santa Fé rumo à Feira, e à constituição de um vilarejo que, mesmo afastado da sede do município, consegue manter-se por décadas. Ao longo do estudo, foi feito um levantamento de como surgiu o povoado, seus fundadores e estudada a vida de um de seus mais ilustres filhos.

Mostrou-se também quando se deu a implantação de alguns serviços básicos ao povoado, como água encanada, luz, telefone e serviço de internet, e como isso impactou na vida dos moradores. Também foram vistas algumas questões relacionadas à economia local e como se dá o fluxo de capital e como vivem seus moradores.

Pode-se notar que, embora Santa Fé esteja geograficamente distante de grandes centros, o povoado não pode ser considerado um lugar isolado, pois seus moradores transitam constantemente para outras cidades, como São Luís, Florianópolis, Teresina e outras, em busca de tratamento médico ou de lazer, contando o povoado com alguns meios de comunicação (telefone, televisão, internet), que servem como forma de interação das pessoas com outras localidades.

Este trabalho tem como uma das finalidades incentivar o surgimento de outros estudos não apenas sobre o povoado em tela, mas também sobre outras localidades que raramente são estudadas e que carecem de pesquisas que resgatem seu passado e que descreva alguns aspectos de sua contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do Gado: Conquista e ocupação do sul do Maranhão**. 2 ed. São Luís: EdUfma, 2005.

CARDOSO, Clodoaldo. **Municípios Maranhenses: Pastos Bons**. Rio de Janeiro: Serviços Gráficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1947.

CARVALHO, Carlota. **O Sertão – Subsídios para a história e a geografia do Brasil**. 2 ed. Imperatriz: Ética, 2000.

COELHO, Celso Barros. **Tempo e Memória: Pastos Bons**. Imperatriz: ética, 2009.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. In: PRIORI, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 241-277.

MARTINS, Manoel de Jesus Barros. Francisco de Paula Ribeiro: um pioneiro nos sertões de Pastos Bons. In: RIBEIRO, Francisco de Paula. **Memórias dos Sertões Maranhenses**, São Paulo: Siciliano, 2002.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. 3 ed. rev. e ampl. São Luís: Edições AML, 2008.

MARX, Karl. **O Capital, crítica da economia política**. V. I. 34 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MÉSZAROS, Istvan. **O Século XXI: Socialismo ou barbárie?** São Paulo: Boitempo, 2012.

RIBEIRO, Francisco de Paula. **Memórias dos Sertões Maranhenses**, São Paulo: Siciliano, 2002.